

Diário da Serra

O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

JORNAL DIÁRIO DA SERRA
Propriedade da **AJOTA**
ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA
CNPJ: 29.464.235/0001-16
ISSN 22386467

REDAÇÃO
DIREÇÃO DE JORNALISMO
Fabiola Tormes (DRT-MT 1302)

CONTATO
ds@diariodaserra.com.br

Envie Pautas, Fotos Sugestões e Vídeos
para o **whatsapp** do **DIÁRIO DA SERRA**
(65) 3326-4724 

www.diariodaserra.com.br
www.ds.jor.br



DEPARTAMENTO COMERCIAL
PUBLICIDADE ASSINATURA
PUBLICIDADE LEGAL
Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA
SERVIÇOS GRÁFICOS
E. Tormes e Cia. LTDA
CNPJ: 14.048.123/0001-07
CONTATO: adm@diariodaserra.com.br
Fone: (65) 3326-4724

ENDEREÇO: Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque
Mansões - 78302-028 Tangará da Serra-MT
Fundado em 11 de novembro de 1996
Edição online desde 06 de setembro de 1997

TIRAGEM:1 MIL EXEMPLARES
CIRCULAÇÃO: Tangará da Serra, Nova Olímpia, Barra do Bugres, Porto Estrela, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Denise, Arenápolis, Nortelândia e Santo Afonso.

CENTRAL DO ASSINANTE:   /jornalds
(65) 3326-4724 

CURTAS//

ELEIÇÕES 2026

Desde de sábado, 4, estão proibidos pronunciamentos de agentes públicos em cadeia de rádio e televisão para tratar de realizações de governo ou programas de gestão. A orientação consta na cartilha elaborada pela Controladoria-Geral e pela Procuradoria-Geral do Estado, que reúne as principais condutas vedadas e permitidas durante o período eleitoral.

REGRAS

As medidas restritivas previstas na Lei das Eleições (Lei nº 9.504/1997) entram em vigor para garantir a igualdade de oportunidades entre candidatos e evitar o uso da máquina pública. Com a proximidade das eleições gerais, marcadas para o dia 4 de outubro, órgãos públicos também implementaram ajustes em seus canais oficiais e procedimentos administrativos.

CANAIS OFICIAIS

Durante este período, os sites, redes sociais e demais canais de comunicação da Administração Municipal de Tangará da Serra, assim como do Governo do Estado, restringiram a divulgação de informações de interesse público e de caráter estritamente informativo, assim como removeram todos seus conteúdos e suspenderam a publicidade institucional.

ARTIGO//

Quando ninguém percebe mais o que faz

Uma cena que viralizou recentemente chamou a atenção: durante uma prática de rope jump uma jovem foi arremessada pelo equipamento sem estar conectada ao elemento mais básico da atividade — a corda. O mais intrigante, porém, não foi apenas o acidente, mas a sucessão de automatismos que o tornou possível. O operador acionou o mecanismo sem conferir as condições de segurança. A jovem posicionou-se sem perceber que não estava presa à corda. Ao redor, outras pessoas observavam e registravam a cena, mas ninguém notou que faltava justamente o elemento indispensável para o exercício. Todos estavam presentes; ninguém estava, de fato, atento.

Dias depois, outro episódio inusitado. Uma portaria publicada no Diário Oficial da União trazia a nomeação de “Fulano de Tal” e “Cícrano [sic] de Tal” — expressões universalmente usadas como marcadores provisórios em rascunhos. O documento percorreu todo o trâmite institucional até ser publicado oficialmente. Passou por

quem redigiu, revisou, autorizou e publicou. Em algum momento, o texto deixou de ser lido para apenas ser processado.

Os dois acontecimentos pertencem a universos completamente diferentes. Um envolve a prática de um esporte; o outro, a administração pública. Mas revelam o mesmo fenômeno: estamos substituindo a atenção pela execução.

Vivemos na era da eficiência. Fazemos mais em menos tempo, respondemos a mais mensagens, assinamos mais documentos, consumimos mais informações. Entretanto, talvez estejamos pagando um preço silencioso: a perda da presença.

Um dos maiores riscos da modernidade talvez seja a incapacidade de pensar sobre aquilo que fazemos. Não porque as pessoas sejam más ou incompetentes, mas porque passam a agir no piloto automático. Quando o hábito substitui a reflexão, deixamos de perguntar o que, de fato, faz sentido. Apenas seguimos o fluxo.

É curioso perceber que a tecnologia não é a única responsável por isso. Ela apenas potencializa um comportamento que já cultivamos: a pressa. A automação dos sistemas encontra uma humanidade que também se automatizou.

O dedo clica antes que os olhos leiam. O corpo executa

antes que a mente confirme. O algoritmo acelera, mas

somos nós que escolhemos viver sem pausas. Talvez o problema mais profundo não seja a inteligência artificial. Seja o enfraquecimento da atenção humana. Estamos treinando máquinas para pensar enquanto desaprendemos um dos exercícios mais humanos: perceber.

A pergunta, então, não é se a sociedade está mais tecnológica. É outra: que tipo de humanidade queremos preservar dentro dessa tecnologia?

Porque nenhuma inovação substituirá algo essencialmente humano: a capacidade de interromper o automático para perguntar se aquilo que estamos fazendo ainda faz sentido.

No fim, a vida raramente desmorona por grandes tragédias. Muitas vezes, ela muda de rumo por pequenas distrações repetidas diariamente.

E talvez o verdadeiro desafio do nosso tempo não seja criar pessoas mais produtivas. Seja formar pessoas mais presentes.

Evelyne Correa - advogada e servidora pública



FOTO: DIVULGAÇÃO